



# Estudos Literarios

(Pelo Dr. Pedro de Queiroz)

---

## **O Cundurú** DE R.

THEOPHILO, UM VOL. DE 117  
PS., 1N-18, FORTALEZA. TYP.  
ASSIS BEZERRA.

Rodolpho Theophilo augmenta o seu activo literario, tirando das prensas typographicas o seu bello e suggestivo «Cundurú».

A novellistica brasileira adquire, para opulentar a sua estante formosa, um formoso livro de contos, baptisado com o nome do primeiro.

Não posso ageitar-me com este baptisamento, que não é a expressão delle. Muitos outros inventaria facil-

mente o preclaro artista para nomeal-o e accrescentar assim a sua já extensa collecção.

Em Paris os escriptores costumam reunir em volume os seus estudos publicados em revistas. São trabalhos, que obedecem por via de regra a idéas geraes e recebem um nome adequado. Aquelle santo velhinho, que se chamou Littré tem muitos destes livros, que elle chamava a cada um «*demi-livre*».

Não quero redizer, não devo repisar o meu juizo sobre o notavel brasileiro

No «Ceará Illustrado» publiquei quatro artigos a proposito da primeira edição dos «Brilhantes», dei um folheto sobre as «Seccas do Ceará» e tratando do esplendido conto a «Violação»—o mais bem feito dos seus livros, em 1898 tracei sobre elle umas notas psychologicas, que acabo de reler e julgal-as fidelissimas.

2.º

«Entre parentheses».

Acaba de explodir dos prelos da capital do mundo uma obra importante, «*Litterature Brésilienne*» do conhecido escriptor Victor Orban, que é tambem um brasileiro de coração. E' uma anthologia dos escriptores brasileiros desde o seculo dezeseis até o momento presente com bons retratos de quasi todos. E' um livro precioso, em que o seu autor, mestre do portuguez, condensou em 370 paginas os trechos que reputou mais bonitos dos nossos literatos. E' uma obra de formidavel propaganda e se eu tivesse autoridade diria ao governo, ao competentissimo Barão do Rio Branco, que convinha entrar em negocia-

ções com aquelle illustrado francez, tão amigo do Brasil, para tirar uma nova e grandissima edição do livro afim de derramal-o pelo mundo, porque é um serviço relevantissimo ás letras patrias. Não se pode imaginar maior propaganda--é a propaganda por excellencia do nome brasileiro.

E no meio cearense aquelle letrado só viu e nomeou ao romancista do «Paroara».

## 3.º

Conta-se que Shakspeare nunca emendou uma linha e Boileau insistia sempre com seu intimo Molière para que corrigisse o que lhe sahia da penna. Reiteradamente, mas sempre baldadamente.

O exemplo não é digno de seguimento.

## 4.º

R. Theophilo não quer dar-se ao trabalho de ler o que escreve.

E' seu peccado--a febre da pressa. E' sua obsessão --o prurido de producção, porque é da linhagem fidalga dos escriptores patricios de mais poderosa imaginação.

Teria maior renome se, em vez de quinze--tivesse apenas cinco--mais cuidados, mais bem lapidados, se fizesse aquillo que os irmãos Goncourt diziam--a «*escripta artistica*».

Lavraram um tento as grandes officinas do Assis Bezerra, o qual opulentamente vestiu o trabalho. Faz gosto ler um livro tão bonito e feiticeiro. Rica moldura guardando rico labor!

5.º

Permitta o illustre literato que diga o que me sugere o seu primeiro conto.

Compulsou as velhas chronicas do velho Ceará, mettendo-se em pesquisas historicas relativas a figura sinistra de Condurú. Eu o quizera mais pormenorizado, mais completo, que mostrasse a physionomia physica e moral, dizendo alguma cousa das origens, da familia, dos antecedentes atavicos, porque estas raizes trariam explicações das suas anomalias somaticas e psychicas, do seu proceder na vida.

De sua historia pregressa e ancestral derivaria naturalmente ser elle um producto de genitorés tarados de nevropathias.

6.º

A hereditariedade morbida de certo não é uma novidade. Vem já de muito longe, tem já muitos cabellos brancos e por isso, por sua importancia capital os sabios hoje estudam-na com carinho especial.

A velha Biblia já denunciava esta força. E' caracte-

ristico e celebre aquelle versiculo do propheta Ezechiel— «nossos paes comeram uvas verdes e nossos dentes ficam embotados».

Condurú é typo criminologico, possuidor de grande cabedal de psychoses. E não precisava do olhar do genial Lombroso para dizel-o uma victima de epilepsia. Era um impulsivo, que matava pelo gosto de matar, sem motivo, sem premeditação, sem cumplicidade, com frieza soberana, com a crueza da fera, como matou as creanças na lagôa, pagina 9. Um malvadissimo, como o famigerado Lacenaire, que teve a desfaçatez de escrever nas suas «*Memórias*» esta palavra vermelha— «mato um homem, como bebo um copo de vinho».

### 7.º

Occorre ainda suggestivamente do mesmo conto o conflicto multi-secular dos tribunaes e da psychiatria.

De um lado a justiça a fazer resistencia, mas perdendo terreno para a psychologia pathologica.

Dia a dia cede a responsabilidade moral ao determinismo que dilata a esphera de sua actividade, embora dure ainda seculos a luta. Devagarinho, muito serenamente, vai de triumpho em triumpho.

O homem é sempre determinado. E' um producto dos meios cosmico e social, que decisivamente modificam-no.

A historia é um espelho vivo que com rara nitidez reflecte o phenomeno.

Ainda no ultimo quartel do penultimo seculo—em 1780, Serpillon, magistrado francez, condemnava a morte por crime de homicidio um verdadeiro louco, porque, di-

zia elle, não sabia qual era mais digno de ser enforcado, se um doudo ou um homem de juizo!!!

Na epocha actual um homem—*nom compos mentis*, já não é condemnado. Uma victoria já ganha pela bella theoria, que faz de quando em vez verdadeiras explosões.

Vai caminho certo. São bem pensadas e sabias as palavras dos dois ultimos periodos da pagina 43—conto 4.º E' a confissão velada do determinismo.

Embora a escola classica esteja armada de grandes petrechos, de todo o arsenal da tradição, recua, vai-se sentindo vencida.

O movimento philosophico de hoje vai calmo e seguro alargando os dominios do determinismo, que tem, como consequencia inevitavel—a irresponsabilidade dos individuos.

Mas a sociedade precisa sempre defender-se dos malfeitores. E fal-o-ha sem castigo, sem pena, sem cadeia, sem a punição dos codigos actuaes. Por uma hygiene e therapeutica sociaes.

Finalmente a responsabilidade é uma ficção enganosa, como uma miragem lá nas planicies do Egypto. E' uma illusão, como outras multi-millenariás, muito arraigada, mas que será desalojada de seus formidaveis redutos, porque todos os homens são irresponsaveis.

**A Psychologia  
do Direito, DE  
F. ALVES LIMA. LIVRARIA  
ARAÚJO. FORTALEZA.**

2.<sup>o</sup>

O dr. F. Alves Lima, fazendeiro de café nos cimos culminantes da serra de Baturité, a quasi mil metros sobre o mar, acaba de mostrar-se pensador notavel com um substancioso livro que li com summo interesse.

Fóra de casa, inebria-se na fragrancia do branco lençol, que cobre o seu cafezal, nas manhãs da floração; portas a dentro, no seu gabinete, vive na intimidade de Fouillée, o seu maior amigo, Giddings, Spencer, Taine, Littré, Stuart Mill e uma pleiade brilhante de outros espiritos luminosos a aclarar o caminho dos que procuram ir certos nas deverzas da vida.

A sua figura mental tem laivos de pareença com a de Euclides da Cunha, por quem ora cobrem-se de lu-

cto as letras brasileiras. Era este hontem um nome verdadeiramente desconhecido, burilou os seus «Sertões» e de repente passou da obscuridade para o maior fulgor. Fez-se logo uma celebridade, um beletриста encantador, da mais alta cultura.

Assim o nosso psychologo metteu se em casa, por compridos annos, leu os seus intimos, foi visitado pelas maiores mentalidades do mundo e o obscuro de dias idos fez-se um primoroso da actualidade.

E a «Livreria Araujo» presta relevantissimos serviços ás letras e ao Ceará, divulgando a valiosa producção do eminente determinista, um dos mais adiantados do pensamento moderno.

E' partidario do postulado de Darwin—«*a lucta pela vida*». Este grande principio é hoje uma grande verdade quasi unanimemente acceta.

Elle o encontrou lá, bem longe, no bruxolear da civilisação, desde a primeira phase do direito. Mas subscrive a formula, em termos. E' moderado, frio, escreve sem paixão, sem preconceitos. Não faz alarde aos exageros de, na sociedade, os «fortes» esmagarem sempre os «fracos».

Parece que apropria-se da phrase do professor Kessler, sabio zoologista russo, que assim annota a formula: «o auxilio mutuo é tanto uma lei da natureza, como a lucta reciproca; mas para a evolução progressiva na especie o primeiro é muito mais importante do que o segundo». Do mesmo modo pensa H. W. Bates, o intimo amigo de Darwin: Apud, Kropotkine: «Em volta de uma vida», pg. 494, trad. port.

O nosso escriptor admite serenamente a proposição darwinista com o seu correlativo, de que falla abaixo da pg. em que expõe a theoria ingleza e o repete na sua ultima pg., anterior ao appendice. O sympathico viajante es-

piritual, com os seus alforjes bem sortidos, para a dilatada excursão, toma o fio do direito e vae com segurança dos inícios e atravez de todos os seus aspectos até a do determinismo vintista—«a egualdade de desigualdades», pg. 107, pg. 133—«o equilibrio das forças pelas idéas».

Conclue a obra, escrevendo n'um appendice—«os perigos do liberalismo» em que faz applicação de sua doutrina. São paginas de publicistica, sérias, probidosas, de valor scientifico.

Mas...

Faz increpações a Clovis Bevilacqua e a José Hygino. Justas? Terá razão o philosopho? No appendice, é verdade. D'aquelle nada devo dizer, porque não tenho procuração e, vivo, a esta hora naturalmente está deliciando-se com a leitura da obra, e de mais o livro criticado é posterior ao fechamento dos meus do assumpto. D'este, quero examinar a arguição ao mestre, que tornou, no vernaculo, facil a comprehensão aos que não lêem o allemão, do livro de Franz de Liszt.

E' este o trecho fulminado: «a base procurada só pôde ser encontrada na capacidade que tem o individuo de resolver-se autonommicamente por motivos».

Procederá a censura? Ora o nosso psychologo falla em 21 pgs. do livro no «livre arbitrio», liberdade moral, liberdade volitiva, que realmente é opinião «equivocada de seculo», como diria o dr. Pereira Barreto.

«O livre arbitrio não existe», está na pg. 177. A responsabilidade moral é letra morta, em que não crêem homens de certa nota. E' preferida a palavra de Roberty perfeitamente adequada, muito expressiva—*reactividade*. Littré diz tambem: «pela constituição do espirito humano a sociedade tem direito sobre o malfeitor. Este deve ser tratado, como uma arvore defeituosa, que se corrige ou mesmo se arranca em certos casos» Do mesmo modo opi-

na A. Naquet. A reactividade social troca a pena por uma hygiene e uma therapeutica especiaes, porque a responsabilidade moral não existe, porque são irresponsaveis todos os individuos: A. Hamon, «Determinismo e responsabilidade».

Não será este juizo um illogismo subtil escapado a penna bem aparada?

A «Psychologia do direito» é um dos melhores volumes sahidos, este anno, das 20 republicas d'esta vastissima Federação.

A «Livraria Araujo» transmitta o meu sincero parabem ao dr. F. Alves Lima.

AUGUSTO PORTO ALEGRE. A  
FUNDAÇÃO DE PORTO A-  
LEGRE, 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO, IN-18,  
246 PGS. TYPOGRAPHIA  
DA LIVRARIA DO «GLO-  
BO».

3<sup>o</sup>

Augusto Porto Alegre, o sympathico e brilhante alfarrabista sul rio-grandense, assume uma situação invejavel, tirando já dos prelos de sua terra, nova edição da sua formosa «A Fundação de Porto Alegre».

Procuro e encontro na galeria dos escriptores francezes, um typo, com quem o illustre literato tem muitos pontos de contacto, tem intensa parecença. É' Augustin Thierry, o autor dos «Récits mèroviègiens», que aos 20 annos, acreditando ser a historia uma creação de seu tempo, devotou-se a ella com um aferro tal que levou-o

ao maior dos sacrificios de um homem de letras. Foi um predestinado.

Augusto Porto Alegre, sem o tamanho d'aquella figura inegualavel, é tambem uma vocação irresistivel.

Pensa de igual modo, que a historia é a sciencia de mais interesse da sua epocha e desenha um panorama soberbo de sociologia descriptiva. E' um beneditino escrupuloso e sincero que dá-se bem na intimidade das traças e da poeira, como em familia, lendo livros antiquados, para expurgal-os, aproveitando o que de bom em suas paginas.

E. Pelletan, analisando uma obra do Docteur Pouget descreve em matizes e no aureo colorido de sua penna privilegiada, o nascimento de uma cidade desde o seu morador primitivo envolvido na sua choupana ou casebre rustico, até o habitante moderno, gosando do conforto, de todas as commodidades de um centro civilizado.

A. Porto Alegre planejou o seu livro, pensando naturalmente, parece, no quadro celebre de Pedro Americo, que subiu curso acima a evolução e lá foi pintar o bonito quadro da «missa primeira», nos primeiros dias da civilização brasileira.

O escriptor d'«A Fundação de Porto Alegre» subiu o carreiro da transformação do seu torrão natal e pintou o seu primeiro aldeamento e na sua viagem moral, pensa, e archi-secular de peregrino corajoso de olhos penetrantes e bem vedores foi descendo, desenhando todos os accidentes até a construcção actual.

Nada escapou ao seu lapis metuculoso, desde a população primitiva, desde a iniciativa do governador José Marcellino, levando em conta toda actividade do Irmão Livramento, até a descripção moderna da cidade com todas as suas ruas e arrabaldes e curiosidades historicas,

trilhos e fios, que enchem-na e enfeitam-na, até todos os requintes da opulencia na capital de hoje.

O conselho municipal de Porto Alegre ainda não pagou devidamente, com justeza, o serviço relevantissimo do abnegado patriota. Deve mandar tirar uma terceira edição de luxo, para derramal-a pelo municipio e pelo país inteiro, que precisa conhecer o precioso livro.

Para o ponto final, A. Porto Alegre leva o seu amor do ninho seu paterno a paixão profunda de sobrenomear-se do nome delle.

LICÇÕES PROGRESSIVAS DE J.  
NOGUEIRA.—TYP. ESCO-  
LAR.—FORTALEZA.

4.<sup>o</sup>

J. Nogueira, intelligente didacta, quintessência o seu patriotismo, divulgando o segredo dos anilages de dentro das seis paredes do seu «Instituto».

Acaba de espalhar as suas *Licções Progressivas*, que tiram a criança do escuro da insciencia para lançal-a no mundo envolvido nas irradiações do a b c.

E' o primeiro epitome do ensino intuitivo.

Comeni, o sabio e doce Comeni, «o pai venerado da pedagogia», o Galileu da educação (como chamava o Michelet) é o creador do fecundo e futuroso processo, que revolucionou logo todo o seculo XVIII. Delle se apoderaram todos os grandes pensadores, Pestalozzi, Rousseau, Basedow, Frebel.

«A cousa, antes da palavra».

Fazer vel-a e só depois dar-lhe o nome.

E' de Pestalozzi — «o mestre deve semear sementes e não plantas e não arvores».

Despertava, nessa epocha o Emilio de Rousseau delirosos enthusiasmos, era lido e estudado com avidéz, por todos os recantos da Europa.

Dizia Herder, em 1771 — «não é bastante elogiar o Emilio, é preciso realizal-o». E é o que faziam então todos os pedagogistas.

Em um dos annos primeiros do ultimo quartel do seculo passado, publicava, em Portugal, o divino lyrico João de Deus, a sua «Cartilha Maternal», produzindo incontinentemente vivissima admiração.

Foi para logo obrigado a fazer tres conferencias semanaes para indusriar aos professores no seu systema, gostando de dizer-lhes: — «para ensinar depressa, faz-se preciso aprender de vagar».

As camaras municipaes mandaram representantes seus a Lisboa. Fundaram-se diversas associações de propaganda.

E o governo presumindo cabimento na novidade, ou na lembrança do autor do «Campo de Flores», nomeou commissão de professores para dar parecer.

Foi um «acontecimento que falla», preocupando intensamente todo o reino e ultra-mar.

Imprimiu o poeta uma outra edição para o Brazil, offerecendo-a ao nosso inlyto Messenas, D. Pedro 2.<sup>o</sup>

J. Nogueira alcança bom proveito, parece, do seu novo modo de leccionar.

Conseguirá impor o seu methodo? Terá elle valor real? Será um serviço de alta relevancia? Dará resultado alargal-o do circulo estreito, em que se acha, para a communhão?

Digam no os pedagogistas da terra.

Não tenho a fortuna de pertencer ao pequeno grupo dos competentes.

Não sou professor, nada posso ensinar, porque nada sei.

Quero apenas rogar a atenção dos mestres, porque demasiadamente alegre-me toda vez que aparece qualquer cousa contra o analfabetismo, que é a discordancia do progresso, o contraste da civilização, a antinomia da democracia, o maior impedimento da evolução brasileira.

**Parémias**—SOARES  
BULÇÃO — TYPOGRAPHIA  
«A EDITORA».—LISBOA.

5.<sup>o</sup>

«O POVO NÃO MENTE».

*Jacob Grimm.*

Soares Bulção, inspirado poeta, acaba de tirar dos prelos de Lisbôa bellissimo livro, a sua estréa, uma estréa, que vai fazel-o do tamanho das notabilidades da poesia brasileira. Fluente e imaginoso, um artista scintillante.

Um parnasiano da gemma.

Não um parnasiano de escola, não tiliado áquella que iniciou-se com «*Le Parnasse Contemporain*», na capital do mundo, na ultima metade do seculo passado,

na década de 66 a 76. O poeta não tem a paixão supersticiosa daquela pleiade de fanatisados brilhantes, mas é correcto, primoroso, esmerado.

Não fez estudos de ethnographia. O livro não obedece aos principios, áquella intuição philosophica, áquellas regras de verdade profunda na poesia do povo, como recommenda Theophilo Braga, a primeira mentalidade portugueza no seu «*Cancioneiro Popular*».

Nem ao molde dos assignalados «*Contos Populares do Brazil*» de Sylvio Romero, o mestre incomparavel, o poderoso intellectual patricio. Seu livro viajando por todo o pais, transpoz as fronteiras e foi lá fóra, lá longe realçar o seu muito saber. Elogiou-o calorosamente outro eminente poeta, Mello Moraes Filho.

Mas é um *folk-lorista*, porque embrenhou-se no emaranhado matagal do coração do povo, estudou-lhe as lendas, as tradições, os conhecimentos seculares accumulados, sentiu-lhe todas as fortes pulsações e de lá voltou sobraçando copiosa collecção de brocados—a mais abundante compilação vernacula e do portuguez de além-mar. A poesia é sua, artistica e original, mas termina sempre por um ditado, que fal-o um *folk-lorista*.

As suas quadras são poemetos. Querem diminuir o diminutivo? Pois poemetosinhos, sentimentaes uns, outros, todos encantadores, como aquelles trechos pequeninos, e commoventes de Bartrina, o frustado e mimoso poeta hespanhol, que se foi no anno da minha formatura, no viço da idade, em toda a sua força genial.

Quero aqui referir uma particularidade, que agora mesmo soube e que muito deve ter agradado ao poeta.

Um pai deliciava-se lendo-o, ha poucos dias; ouviam-no os seus filhos. Bonita quadra deu no goto de uma das creanças, que, momentos depois recitou-a a uma visita que lhe entrava portas a dentro

O facto é suggestivo e lembra aquelle outro contado por B. Gastineau relativo a Burger, poeta allemão de-soitista, que viajando em seu pais, uma tarde em uma aldeia, na sala de um hotel, ouviu na contigua um mestre-escola ler para seus discipulos reunidos «*Lenore*», a sua obra prima, que acabava de publicar—os rapazes, admiradores desconhecidos, arrebatados, proromperam em vivos applausos.

Burger sentiu-se commovido daquelle enthusiasmo.

Tem um senão gravissimo, não um peccado venial, um peccado mortal, no dizer dos catholicos. Um condemnado sem remissão... é provinciano!

Fôsse carioca, fôsse o seu livro subscripto por O. Bilac ou C. Netto, seria laureado, adoptado nas escolas e tiraria logo successivas edições. E' um livro moral, hygienico, sadio, tão sadio, como o «*Scenas e Perfis*» de C. Netto—um dos ultimos e melhores livros do artista sem par.

Li o magnifico estudo que o poeta R. de A. escreveu. Completo, uma critica bem lançada e justicosa. Conformo-me com ella em genero, numero e caso. Não se me dava de assignar tão rico lavor.

Mimosas tambem as redondilhas do mavioso poeta Irineo Filho.

Esplendido o trabalho typographico. «A Editora» guardou as joias preciosas em precioso escritorio.

Com o meu agradecimento pela opulencia do presente, o meu parabem pelo destaque, no mundo literario, de Soares Bulcão.

---